

A Nossa Gente (204) – Rafael Carvalho

“Falta-nos um centro artístico onde sejam ensinados os instrumentos tradicionais!”

A viola da terra chegou-lhe às mãos aos 13 anos por acidente, mas nunca mais foi capaz de a deixar. Rafael Carvalho é um filho orgulhoso da Ribeira Quente, uma freguesia da Povoação que tem assistido a muitas evoluções. Desde os 15 anos que este músico ensina o que sabe na viola dos dois corações e hoje em dia já tem livros e CD's lançados que perpetuam esta tradição açoriana. Não obstante, o professor do Conservatório Regional de Ponta Delgada sabe que ainda há muito a fazer no sentido de preservar as tradições musicais da Região.

Quando nasceu e como se desenvolveu o início da sua vida?

Sou da Ribeira Quente, mas vim nascer a Ponta Delgada, ao Hospital de São José, a 22 de Setembro de 1980. Diz minha mãe que se chamava o carro de praça e que quase nasci pelo caminho, porque a estrada nesta altura não era a melhor! O meu irmão, que é de 1979, foi dos últimos a nascer na Povoação. O meu irmão é de 6 de Setembro de 1979 e eu do mesmo mês do ano seguinte; sou assumidamente um acidente.

Lembro-me de as minhas avós serem domésticas e de o meu avô paterno ser agricultor e ter as suas terras com uvas, pomares, batatas, laranjas, bananas, etc. A minha mãe era doméstica e o meu pai pedreiro, trabalhava para a antiga Secretaria do Equipamento Social, mas também fazia terras. Por tudo isso fui criado no meio da vida do campo.

Quando era tempo de escola íamos para as aulas, mas aos sábados e feriados tinha-se que trabalhar na terra, ajudar a semear batata e a abrir as caseiras.

À medida que fomos crescendo as responsabilidades foram aumentando e nas férias o meu pai dava-nos indicações para fazer determinadas funções; quando ele chegasse a casa tinha que estar feito. Como ele era pedreiro construía tudo, por isso se fosse preciso também se construía um galinheiro. Cresci muito nisso, mas de certo modo isso era uma alegria, porque gostávamos de aguar os pepinos ou os tomateiros com a água dos depósitos que o meu pai fazia com a chuva de Inverno, porque não se podia usar a água corrente para este tipo de coisas. Passou-se assim a infância!

E o ingresso na escola como se deu?

A escola foi feita sempre na Ribeira Quente até ao quinto ano. No meu tempo ainda havia duas escolas, a do lado da ribeira e a do lado do fogo, nós íamos para a do fogo. Descíamos a rua os três e íamos para a escola a pé que ficava muito perto de casa.

A que se brincava na altura?

Quando éramos pequeninos morávamos em casa da minha avó, perto da ribeira, e tínhamos muitos vizinhos, mas depois – com cinco ou seis anos – mudamos de casa e aí não havia muita vizinhança, além do que não éramos meninos de brincar na rua. A minha mãe preferia que estivéssemos no quintal, podíamos revirar aquilo tudo mas tínhamos que estar debaixo do olho dela. Claro que já mais velhos íamos com os amigos jogar futebol, andar de bicicleta à roda da freguesia, e mais tarde já íamos para a praia sozinhos. Brincávamos igualmente ao berlimde, ao pião, mas também fazíamos muitos jogos simbólicos, com temas como os cowboys, os índios e os westerns – que o meu pai via muito na televisão –,



Rafael Carvalho a tocar ao vivo na baixa de Ponta Delgada

pois só havia um canal e nós recriávamos tudo o que víamos!

Brincávamos também com a minha irmã Gina, quatro anos mais velha que eu, mas como havia diferença de idades às vezes a coisa não acabava muito bem! Houve uma altura em que eu e o meu irmão gostávamos muito de ver os Jogos sem Fronteiras. Por isso, fazíamos estes jogos em casa e na cozinha fazíamos obstáculos, amarrávamos umas cordas e muito mais. A minha mãe lá ia sofrendo aquilo com paciência, até se passar completamente!

Recordo que gostávamos muito da “Academia da Polícia” e depois levávamos semanas a tentar imitar as vozes deles! O filme “Os deuses devem estar loucos” também saiu quando éramos novos, recordo bem. A gente criava muitas das nossas brincadeiras.

Como era a sua postura na escola?

Gostava mesmo da escola, era muito estudioso. Lembro-me que vinham muitos professores principalmente de Vila Franca do Campo. Fui para a escola com o meu irmão quando tinha cinco anos, fui no primeiro ano que abriu a pré-primária na freguesia. Íamos os três para a escola: a minha irmã para a 4ª classe, o meu irmão para a 1ª e eu para pré. Quando não havia aulas pelo

mau tempo ou porque o professor não podia eu até chorava! Na pré-primária usava-se uma bata branca, e eu adorava-a! Lembro-me de passar o Mário Soares na freguesia e de ter feito na ocasião a minha primeira quadra. Recordo-me também quando aprendi as contas de dividir e de chegar a casa a chorar, porque não percebia como se fazia a divisão. Gostava de fazer os ditados, as cópias e os trabalhos de casa. Quando chegávamos a casa a minha mãe ajudava-nos, porque ela tinha a quarta classe antiga.

Quando descobriu, no meio disso tudo, o gosto pela música?

A minha mãe sempre gostou de cantar pela casa, era do tipo de pessoa que trabalha e canta ao mesmo tempo. Ia à missa com os meus pais e a minha mãe sentava-se no primeiro banco a levantar os cânticos, pelo que cantávamos com ela. O meu pai tocava violão, tocou na tropa, esteve em Angola e quando foi para o Canadá, onde a minha irmã nasceu, cortou com este hábito. Eles regressaram, mas como o meu pai não tinha violão não tocava. No meio disso tudo ele comprou um violão de cordas de aço e quando se lembrava tocava. Sou do tempo em que a televisão só abria às seis da tarde e as falhas de luz eram uma constante; nestas alturas contavam-se histórias e

o meu pai tocava violão, o qual estava no quarto dele e não podíamos tocar-lhe, pois éramos pequenos e podíamos estragar.

Certo dia, com 11 ou 12 anos, pedimos a meu pai que queríamos aprender a tocar violão, sem saber que reacção teria ele. Ele começou a ensinar-nos duas ou três modas que sabia, os acordes e a fazer acompanhamentos. Ele tocava de ouvido, não sabia o nome dos acordes, e também aprendi assim.

A Ribeira Quente daquele tempo era muito diferente, não era?

Há duas décadas a Ribeira Quente era muito distinta, não só ao nível das infraestruturas, mas também ao nível da formação das pessoas; a minha irmã foi das primeiras mulheres a ir estudar para fora.

Quando começaram os projectos europeus fundou-se o Centro Paroquial e Social, junto da igreja, onde fazemos os concertos anuais e damos as aulas de viola da terra. Também nesta altura abriram cursos e as mulheres iam para lá aprender a trabalhar escamas de peixe, folha de milho, bandeiras do Espírito Santo e artesanato no geral. Nesta altura quase toda a população feminina era doméstica.

Com este crescimento, mais tarde se criou o Grupo Folclórico da Ribeira Quente, em 1993. Comecei a ir para os ensaios com o meu pai, como só havia um violão ele tocava duas músicas, eu outras duas e aí por diante. Nesta altura o professor Carlos Quental, que dava aulas há dois ou três anos na Povoação, começou a ir para a Ribeira Quente dar aulas de viola da terra e eu frequentei-as. Portanto, comecei a tocar viola da terra por causa deste professor e quase por acidente, aos 13 anos!

Houve algo que o encantasse de imediato na viola da terra?

Gostei logo. O professor Quental falava de forma apaixonada da viola, das suas sonoridades, da emigração e dos seus dois corações. Além disso, tive uma educação da parte dos meus pais que me ensinou a ouvir o professor a falar e não se reclamava, nem podia chegar a casa e dizer alguma coisa sobre o professor. Isso não é assim hoje em dia, porque os alunos sentem necessidade de rebater tudo ou de dar opinião sobre factos concretos. Não quer dizer que não houvesse algum professor de quem não se gostasse tanto, mas havia respeito.

Ensaiaava durante toda a semana e procurava descobrir mais e mais na escala da viola, mesmo nos sítios errados. Não havia internet, nem registos de áudio ou vídeo para vermos. Tive uns seis meses de aulas de viola, foi com este curso que fiquei e aprendi essencialmente músicas de folclore. No ano seguinte, com 15 anos, já ensinei